

降世神通
AVATAR
O ÚLTIMO MESTRE DO AR



**A AURORA DE
YANGGHEN**
F.C. YEE

 Planeta

CRÔNICAS DO AVATAR

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

降世神通

AVATAR

O ÚLTIMO MESTRE DO AR™

A AURORA DE
YANGCHEN

F.C. YEE

Tradução

Paloma Blanca Alves Barbieri

 Planeta

TRUCHO APLICADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais é mera coincidência.

Copyright © 2026 Viacom International Inc. Todos os direitos reservados.

Nickelodeon, Nickelodeon Avatar: A lenda de Aang e todos os títulos, logotipos e personagens relacionados são marcas registradas da Viacom International Inc.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Copyright da tradução © Paloma Blanca Alves Barbieri, 2026

Título original: *The Dawn of Yangchen*

Publicado em 2022 pela Amulet Books, selo da ABRAMS.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos.

Preparação: Bonie Santos

Revisão: Wélida Muniz e Bárbara Prince

Diagramação: Márcia Matos

Projeto gráfico: Adaptado do projeto gráfico original

Capa: Brenda E. Angelilli e Deena Fleming

Adaptação de capa: Sandra Fava

Ilustrações de capa e miolo: JungShan

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Yee, F. C.

Avatar : a aurora de Yangchen / F.C. Yee ; tradução de Paloma Blanca Alves Barbieri. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.

336 p.

ISBN 978-85-422-3953-9

Título original: The Dawn of Yangchen

1. Literatura infantojuvenil norte-americana I. Título II. Barbieri, Paloma Blanca Alves

25-4982

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editora.planeta.com.br

**Acreditamos
nos livros**

Este livro foi composto em Excelsior LT Std,
e impresso pela Geográfica para a Editora

Planeta do Brasil em dezembro de 2025.

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO - VENDA PROIBIDA



Vozes do passado



JETSUN ANDOU pelo corredor, tentando ficar à frente dos gritos.

Os tetos altos do Templo do Ar do Oeste tendiam a emitir ecos de sussurros e explosões de xícaras de chá caindo. Embora a garota estivesse de volta à enfermaria, sendo assistida pelas anciãs, seus gritos de dor brotavam de todas as superfícies, ricocheteando na pedra dura.

Jetsun não aguentou mais e começou a correr. Ignorando o decoro, passou em disparada por suas irmãs, bagunçando as vestes, virando tinteiros, destruindo pinturas coloridas de areia que deveriam ser arruinadas apenas depois de terminadas. Ninguém a repreendeu ou lhe lançou olhares penetrantes. Eles entenderam.

Quando o chão terminou, ela pulou. A construção invertida do templo significava que, apesar de sua dimensão, havia muito pouco espaço disponível, e nada conectando as torres além do ar rarefeito e uma queda de novecentos metros de altura. Ela não estava com seu planador. O que era eminentemente perigoso, mas ela era capaz de dar o salto sem ele.

Com a ajuda do ar contra suas vestes, ela pousou na torre seguinte – a que continha a Grande Biblioteca. Tsering, zeladora-chefe dos livros, esperava em frente às estantes altas. Os olhos gentis da mulher mais velha estavam cheios de preocupação.

— Eu vi você chegando. Está acontecendo de novo?

Jetsun assentiu.

— Mesose — disse ela.

Tsering soltou um suspiro, um assobio silencioso de frustração.

— Poderia ser Mesose, famoso estudioso da era Ru Ming. Há uma aldeia Mesose em Hu Xin; pode ter recebido esse nome em homenagem a seu fundador. Ou pode ser apenas alguém chamado Mesose e, nesse caso, estamos enrascadas.

Os Avatares tendiam a andar em círculos seletos. Ou eles elevavam as pessoas ao seu redor à fama.

— Tem que ser a primeira opção — disse Jetsun.

Outro lamento fez a cabeça de ambas se virar. A criança estava sofrendo.

— Ajude-me e será mais rápido — disse Tsering. — Canto Noroeste, comece pelas estantes de poesia, *Ru* com o radical das três gotas de água.

Elas se dividiram para vasculhar diferentes seções do antigo cofre. Jetsun passou os olhos pelos rótulos e títulos o mais rápido que pôde. Nem todo livro cabe em uma estante. Muitos dos volumes mantidos no Templo do Oeste eram tão antigos que haviam sido escritos em tiras de bambu em vez de papel. Ela passou por fardos enrolados de texto que eram mais largos que alguns dos pilares.

Cinco minutos depois, ela emergiu das profundezas da biblioteca segurando uma dissertação sobre a qual não sabia nada. O que importava era o nome do autor.

Tsering a encontrou junto à porta.

— Não consegui encontrar nenhuma pista. Você está segurando nossa melhor chance.

— Obrigada. — Jetsun correu de volta na direção de onde viera, com o livro debaixo do braço.

— Use seu planador da próxima vez! — gritou Tsering.



Jetsun voltou para a enfermaria. O amontoado de anciãs se separou para deixá-la passar. A agitação da garota se transformou em soluços secos e cavernosos. Ela bateu com o punho no travesseiro repetidas vezes, não como um tremor involuntário de febre, mas como um movimento deliberado nascido de uma angústia constante e devastadora, excessiva para seus oito anos.

— Vamos deixar vocês duas sozinhas — disse a abadessa Dagma. Ela e o resto das monjas saíram. Pessoas demais às vezes arruinavam o efeito. Jetsun abriu o livro em uma página aleatória e começou a ler.

— “O nível de risco pode ser determinado pela altitude, pela proximidade da fonte de água, pela vulnerabilidade a fluxos rápidos e por potenciais danos econômicos” — disse.

Confusa, ela virou brevemente o livro para olhar a capa. *Um discurso sobre gestão de várzeas.*

Por que temos este livro? Jetsun balançou a cabeça. Não importava.

— “Compreender as medidas anteriormente tomadas para mitigar os danos causados pelas inundações é essencial, pois podem aumentar o perigo em vez de reduzi-lo.”

A garota respirou fundo e relaxou.

— Meio ano e foi só até aí que conseguiu chegar? — disse ela, de cara fechada. — Você tem que parar de assumir tantos projetos ao mesmo tempo, Se-Se.

Estava funcionando. Graças aos espíritos, estava funcionando. Jetsun continuou lendo, explorando mecanicamente os conceitos desconhecidos.

— “Sobre o assunto de depósitos de lodo...”

A primeira vez que a criança passara por isso, ela não tinha ideia do que estava acontecendo. Os curandeiros fizeram o possível para abrandar a febre e mantê-la o mais confortável possível. À medida que os incidentes se repetiam, seu balbucio, inicialmente incoerente, começou a se fundir em frases, nomes, trechos de conversas. As palavras não significavam nada para seus cuidadores até que um dia eles a ouviram conversando com Sua Majestade, o Rei da Terra Zhoulai. Um homem que ela nunca conhecera e que tinha morrido havia três séculos.

Felizmente, a abadessa pensou em tomar notas. Ela havia anotado os fragmentos inteligíveis e, ao vasculhar as páginas, montara um padrão. Os nomes. Angilirq, Praew, Yotogawa. Nomes de todas as nações.

Nomes de antigos companheiros do Avatar.

Nem todos os fantasmas com quem a criança falara chegaram aos anais da história. Alguns deles nunca foram reconhecidos como tendo laços estreitos com um Avatar. Jetsun só conseguia imaginar as histórias perdidas no tempo, filtradas pela garota, meros fragmentos presos em sua garganta.

E as conversas eram agradáveis, na maioria das vezes. Ela ria com os amigos em cidades que tinham sido renomeadas, em províncias que não existiam mais. Jetsun a vira pular da cama e gritar com o sucesso das lendárias caçadas de inverno, sentar-se no chão e meditar com a paz interior de outra pessoa.

Mas ocasionalmente ela tinha pesadelos que a acordavam. Ataques de tristeza e raiva que ameaçavam despedaçá-la. Ela não murmurava nomes, mas os gritava como se tivesse sido traída pelo próprio universo.

Por acidente, eles descobriram que às vezes era possível acalmá-la identificando com qual figura do passado ela estava conversando, e respondendo a ela dessa perspectiva. Quanto mais fundo pudessem mergulhar no papel, melhor – como os pais lendo uma história para dormir, fazendo vozes e papéis. A familiaridade era o melhor bálsamo que tinham, e eles davam o melhor de si por ela.

A garota cochilou quando Jetsun chegou a um capítulo sobre a construção adequada de paredões. Tsering entrou na sala. Nenhum planador, Jetsun notou. Ela provavelmente queria ver se ainda conseguia saltar também.

– Como ela está? – perguntou a bibliotecária.

– Melhor – respondeu Jetsun. – Quem foi Mesose?

– Um companheiro do Avatar Gun – disse Tsering, aproximando-se da cabeceira. – Poeta e engenheiro habilidoso, morreu em Ha’an quando Gun fracassou em conter um tsunami.

Jetsun sentiu um gosto amargo subindo à boca.

– Fracassou?

Não seria a palavra que ela teria usado para alguém, seja Avatar ou não, enfrentando uma força da natureza. Ha’an ainda era um porto hoje, mas poderia ter sido apagada do mapa com todos os que moravam lá na época.

– É o que está escrito. Depois que Mesose se afogou, Gun desapareceu por um bom tempo antes de retornar ao trabalho.

Você estava de luto. Se as águas contra as quais Gun lutara haviam sido as mesmas que mataram Mesose, então tanto a garota como a vida passada que a assolava podiam ter testemunhado seu amigo dar o último suspiro antes de mergulhar nas ondas. Eles provavelmente procuraram o corpo nos destroços.

E o pior de tudo, pensou Jetsun, eles teriam que lutar com a terrível questão: *e se eu tivesse feito as coisas de forma diferente? E se, e se, e se?* Talvez tivesse sido Gun quem tivesse tomado para si o rótulo de fracasso.

Era injusto. Lembrar os acontecimentos de uma única vida já era bastante doloroso. Reviver dezenas de vidas seria... bem, seria como ser pego por um tsunami. Varrido por forças além do seu controle.

— Ela é uma criança inteligente — disse Jetsun. — Se continuar tendo essas visões, descobrirá quem é muito antes de completar dezesseis anos.

Tsering suspirou. Estendeu a mão e acariciou o cabelo da menina adormecida, agora emaranhado de suor.

— Ah, pequena Yangchen — disse ela. — O que faremos com você?





O primeiro passo



AOS ONZE anos, já fazia algum tempo que Yangchen sabia quem era, e tratava sua condição de Avatar com a seriedade de uma criança a mando dos mais velhos. *Este é um segredo muito importante, está bem? Como a receita do manjar de Tsering. Melhor não falar sobre isso até resolvermos mais algumas coisas.*

Os ataques involuntários de memórias vívidas ainda ocorriam. A facilidade com que os Avatares anteriores entravam em contato com Yangchen perturbava os líderes do Templo do Oeste. A menina escutava as discussões sobre ela como o ar sob os parapeitos das janelas, escondendo-se atrás de pilares.

— Continuamos fazendo a mesma pergunta: o que vamos fazer com ela? — Ela ouviu Jetsun dizer um dia, mais incisiva do que normalmente era com os mais velhos. — A resposta é: vamos evitar que ela bata a cabeça no chão e, quando as lembranças acabarem, seguiremos em frente. É isso que ela precisa de nós, então é isso que daremos. Nada mais, nada menos.

Como se Yangchen precisasse de outro motivo para adorar a irmã mais velha. Jetsun não era sua parente de sangue, ou talvez fosse uma prima de quarto ou quinto grau, mas isso definitivamente não importava. A garota que cortava frutas de um jeito estúpido, mas que pelo menos lhe dava os pedaços simétricos, era sua irmã. A garota que não tinha piedade dela na quadra de Bola de Ar e que riu da sua cara por

não fazer gols era sua irmã. Jetsun era a pessoa que ouvia Yangchen chorar com a maior paciência, ou ainda quem a aborrecia, para início de conversa.

Portanto, fazia todo o sentido que Jetsun a guiasse em sua primeira tentativa de meditar no Mundo Espiritual. Um guia era tanto uma âncora como um desbravador, uma voz que chamava na escuridão.

— Não crie muitas expectativas — disse Jetsun a uma Yangchen cheia de entusiasmo. — Nem todo mundo tem a habilidade de atravessar de um reino para o outro. Você não vai ser menos ou mais Avatar, ou Nômade do Ar, ou pessoa, se isso não acontecer.

— Pfft. Se você consegue, eu também consigo — disse Yangchen.

Se você consegue, eu preciso conseguir também. Para me tornar mais parecida com você.

A monja mais velha revirou os olhos e deu um tapinha na testa de Yangchen, onde a ponta da flecha por fim estaria.



Elas subiram para os prados acima dos penhascos do Templo do Ar do Oeste. Não havia necessidade de percorrer todo o caminho até o Templo do Leste – o ponto de partida para muitas jornadas espirituais – quando elas podiam tentar primeiro mais perto de casa. Além disso, Jetsun zombava que a santidade exagerada do Templo do Leste era mais reputação que verdade comprovada.

Na grama, havia um círculo de meditação, um piso de laje de pedra nivelado com a terra. Cinco colunas de rocha se projetavam ao redor do círculo, espaçadas desigualmente. Pareciam dedos e um polegar; o símbolo dos Nômades do Ar em suas pontas lembrava impressões digitais. Yangchen conhecia o lugar, mas sempre o evitava.

— Parece que um gigante está prestes a me agarrar.

— Ou a te soltar — disse Jetsun. — Uma mão pode se abrir ou fechar. Mas não pode fazer nada disso duas vezes seguidas.

Yangchen nunca soube como Jetsun conseguia ser tão direta e enigmática ao mesmo tempo. As duas se sentaram na palma da mão do gigante, uma de frente para a outra. Não estavam sozinhas. A abadessa Dagmola e a bibliotecária Tsering tinham ido junto como meras

assistentes, preparando um incenso e um xofar. A própria abadessa iria tocar o sino da meditação. Não houve hesitação por parte das duas mulheres muito mais velhas em recorrer a Jetsun como guia.

A sessão começou. O incenso fumegante era forte e terroso como resina de árvore. Yangchen podia sentir os sons harmônicos do xofar em seu assento de pedra. Ela perdeu a conta das badaladas do sino que marcavam o tempo e apontavam sua falta de sentido.

De repente, viu um brilho intenso através dos olhos fechados, como se estivesse sob as nuvens o tempo todo. Quando ela os abriu, a luz era forte, mas não ofuscante. As cores estavam mais vivas, como se os próprios elementos tivessem sido triturados num pilão e depois repintados no mundo. As flores vermelhas na campina brilhavam como brasa, veias verdes pulsavam através das folhas das copas do tamanho dos telhados das casas, e o céu estava mais azul que um bolo de corante índigo sólido.

Yangchen tinha realizado uma façanha de Avatar. A coisa não aconteceu com ela involuntariamente, não a atingiu como um trovão entre suas têmporas, não atravessou dolorosamente seus membros e danificou a paisagem. Ela havia feito aquilo. *Ela havia feito aquilo.*

Sua vitória. E o melhor de tudo era que sua pessoa favorita no mundo estava ao seu lado para compartilhar o momento.

— Uau — exclamou Jetsun, em um de seus clássicos eufemismos.
— Na primeira tentativa.

Yangchen teve vontade de rir e saltar um quilômetro no ar. Mas ela manteria a cabeça fria, assim como sua guia.

— Talvez eu só tenha me lembrado de como se faz.
— A humildade não é mais importante que a verdade. Acho que você mesma conseguiu.

Ela achou que seu coração iria explodir. Sobre as colinas do Mundo Espiritual, um grupo de grandes baleias aladas, translúcidas e gelatinosas flutuava pelo céu. Perto dali, um cogumelo saltitante liberou uma nuvem de esporos que se transformaram em vaga-lumes cintilantes.

E então ela se perguntou:

— O que fazemos agora?
— Essa é a beleza da coisa — disse Jetsun. — Não fazemos nada. Não há utilidade para o Mundo Espiritual, e é aí que reside a grande lição. Daqui você não pega nada. Você não antecipa nem planeja; você

não luta. Você não se preocupa com ganho ou perda. Você simplesmente existe. Como um espírito.

Um beicinho de decepção cruzou os lábios de Yangchen.

— Temos que apenas existir neste local? Podemos ao menos explorar?

Jetsun sorriu para ela.

— Sim. Sim, podemos.

Yangchen pegou a mão da irmã e decidiu que havia uma chance de ela gostar de ser a Avatar.





Vozes do presente



OS INTERMEDIÁRIOS muitas vezes tinham dificuldade de compreender a rapidez com que a fortuna de um lugar podia aumentar às custas da de outro. Depois do caso da Platina, muitos dos recém-chegados a Bin-Er pareciam surpresos pelo crescimento explosivo da cidade, embora eles próprios fizessem parte disso, arrastados pela mudança.

Kavik, por outro lado, sabia que locais vitais poderiam se deslocar por grandes distâncias sem aviso. Os rebanhos se moviam como água. Cardumes de peixes se moviam como água. E as pessoas também, quando sua subsistência dependia disso.

E o fluxo nem sempre era pacífico. Correntes de seres humanos podiam ir bem rápido rumo a uma direção sem saída, quebrando pedaços de gelo e despedaçando os destroços. Se seu barco ficasse preso em tal vórtice, a chave para a sobrevivência era descobrir quanto tempo você teria até sofrer o mesmo destino.

Kavik não tinha certeza de quanto tempo restava para Bin-Er. No caso dele, ele sabia que faltavam talvez dez ou vinte minutos até que as coisas ficassem feias. Realmente feias. Ele tentava atravessar a praça do distrito internacional quando uma multidão cheia de hostilidade bloqueou seu caminho. As pesadas roupas de inverno que usavam para sobreviver ao longo da extremidade norte do continente do Reino da Terra dificultavam a passagem pelas brechas.

Normalmente, Kavik estava por dentro desse tipo de perturbação.

— O que está acontecendo? — perguntou ele às pessoas próximas.

— Finalmente emboscamos Shang Teiin — respondeu um homem grande enquanto espiava por cima da multidão. — Ele teria que sair dos muros de sua propriedade em algum momento. Ou ele nos ouve aqui e agora ou vai passar a noite escondido no Santuário Gidu.

Kavik disfarçou o próprio espanto.

— E... como exatamente vocês fizeram isso? Teiin normalmente é difícil de encontrar, não é?

— Juntamos nosso dinheiro e pagamos um informante para copiar a programação de reservas privadas do santuário — disse o homem, sorrindo de satisfação. — Temos que usar os métodos do inimigo contra ele. E você não sabia? Esta noite é o aniversário da morte do avô de Teiin.

Aquilo não ia acabar bem. Teiin não era de conversar, mas de agir. A ideia de que o poderoso shang interromperia seus rituais ancestrais, apareceria nos degraus do Santuário Gidu e reconheceria de forma benevolente as queixas de seus funcionários era, na melhor das hipóteses, equivocada. Na pior, perigosa.

Kavik precisava sair dali.

— Deem um jeito naquele cachorro-bode velho — disse ele. Então se virou para sair.

Uma mão pesada pousou em seu ombro e o girou de volta.

— Fique conosco, irmão — falou o homem, olhando-o atentamente.

— Se os shangs não levarem uma bronca de vez em quando, vão fingir que não existimos. Cada voz conta.

Novatos eram mais difíceis de lidar, não é? Ele estava pedindo a Kavik que assumisse uma postura mais firme. E um garoto fazendo perguntas poderia estar a serviço de Teiin ou de outro shang, um espião enviado para monitorar a multidão. Ele deu um empurrão em Kavik, fraternal e ameaçador ao mesmo tempo.

— Desculpe, mas preciso fazer um pedido no boticário — disse Kavik. Ele tinha as próprias tarefas pela frente e não queria fazer novos amigos.

— A esta hora do dia? — O tom da conversa esquentou.

— Eu sei que é tarde — respondeu Kavik. — Mas o tio Ping demora para fechar e sempre me deixa fazer meus pedidos antes de ir para casa.

Ele observou a cabeça do homem processando a história. Talvez tenha exagerado nos detalhes. Mas o tempo que ele levou para pensar foi suficiente.

— Ali está ele! Ali está Teiin! — gritou alguém.

Quando o homem se virou para olhar, Kavik escapou de seu alcance e sumiu na multidão.

Ele abriu caminho através da massa em movimento, nadando em paralelo à “correnteza”, e lançou um olhar para o santuário. Os degraus de pedra de Gidu se erguiam quatro metros e meio no ar e culminavam em um salão com telhado duplo, onde os ricos podiam prestar homenagem aos seus antepassados e deixar oferendas aos espíritos. Shang Teiin, um homem de sessenta anos, franzino mas forte, emergiu no topo da pequena ilha sagrada e zombou com desgosto das pessoas que o encurralavam.

— Vigarista! Trapaceiro!

— Pague o que nos deve!

Os gritos de raiva pareciam incomodar Teiin tanto quanto folhas caindo. Ele respirou fundo pelo nariz, e o coração de Kavik começou a disparar. Aquela não era a expressão de um homem emboscado. Era a expressão de um homem prestes a atacar.

O shang sinalizou com os dedos e um esquadrão de homens saiu do santuário atrás dele. Capangas contratados, brutamontes, à espreita. Fosse por meio de suborno, traição ou de seus próprios espiões, Teiin já sabia da manifestação e tinha preparado um contra-ataque com antecedência.

Os capangas desceram os degraus e se chocaram contra as primeiras fileiras da multidão. A gritaria começou e Kavik puxou o capuz o mais baixo que pôde. Ele se abaixou sob os cotovelos, girando na ponta dos pés e empurrando as pessoas por trás quando necessário até chegar à borda da praça.

Ele tentou evitar olhar para trás. A luta só pioraria. Sim, haveria socos, e ele presumiu que os capangas de Teiin provavelmente tinham porretes escondidos nas mangas, mas isso seria tudo. Qualquer dominação seria apenas para causar hematomas. Ninguém em Bin-Er, shang ou não, queria trazer a lei do Reino da Terra para a cidade por cometer um crime capital.

O incidente não tinha nada a ver com ele. Não importava que Kavik fosse o informante que tinha invadido o Santuário Gidu uma semana

antes para copiar a lista de reservas. Se ele não tivesse aceitado o trabalho, teria ido para outra pessoa.

Vai ficar tudo bem, disse a si mesmo em meio ao coro de violência atrás de si.



A apenas dois quarteirões da praça, havia paz. Sem perturbações, sem sinais de luta. Apenas o silêncio abafado do dia findando. Em Bin-Er, uma curta caminhada pode levar a outro reino.

Kavik passou por homens e mulheres que saíam dos escritórios de expedição para a rua. Não olhavam nem para a direita nem para a esquerda, para as bancas vazias que serviam apenas o almoço, para as lojas fechadas que forneciam papel e pincéis vendidos em fardos, para as casas de leilão onde eram decididos os preços dos tecidos e da porcelana nas Quatro Nações. Apenas adiante, para suas camas.

Se ficassem sabendo da briga na praça, eles simplesmente a contornariam. Da mesma forma que alguém tomaria um caminho diferente para evitar uma carroça capotada. Uma confusão inconveniente, com certeza. Algo que acontecia com mais frequência hoje em dia em Bin-Er, mas esse era o custo de fazer negócios, não é mesmo?

Kavik saiu da rua principal e entrou em um beco. Ele não sabia quem era o comprador das informações do santuário. Esse era justamente o objetivo de usar um intermediador como Qiu; manter anônimos os dois lados de um negócio. Kavik presumiu que fosse só mais um shang que queria uma vantagem sobre seu rival, a forma como a maior parte dos negócios para informantes em Bin-Er era gerada.

Ele chegou à casa que iria arrombar.

A Mansão Azul ficava bem no limite do território shang. Depois dela não havia nada além de um vasto campo aberto dividido ao meio pela fronteira do Reino da Terra. Ele podia ver o brilho das lanternas dos postos de guarda à distância.

Os agentes do Rei da Terra estavam supostamente em alerta máximo em todo o continente após o mais recente ataque a Sua Majestade, em Ba Sing Se. Qiu alegou que as paredes do Anel Superior haviam sido pintadas com todos os traidores e espiões nobres expurgados da

corte nessa última rodada. Não com o sangue deles, mas com as próprias pessoas. Eles jogaram tantos conspiradores contra as paredes que conseguiram uma cobertura boa e uniforme.

Para um intermediador que precisava lidar com informações confiáveis, Qiu acreditava nas histórias mais idiotas. Mesmo assim, Kavik sabia que seria ruim para ele se envolver em uma briga nacional. Seu trabalho estava ligado apenas aos shangs, e por isso era grato.

Ele se escondeu atrás de um galpão de jardinagem que provavelmente era usado durante um mês no ano inteiro. Com o caminho livre, correu pelo terreno aberto e se pressionou contra a parede correta. Ela exalava um frio que ele podia sentir no rosto exposto. Ao contrário das casas vizinhas, de tijolos e tábuas, a Mansão Azul era feita inteiramente de gelo.

Kavik torceu o nariz, tentando afastar a coceira de muitos incômodos diferentes ao mesmo tempo. A Mansão Azul havia sido a ideia de alguém de uma grande residência polar, mas não conseguira imitar as tradições arquitetônicas de Agna Qel'a. A luxuosa casa de hóspedes era muito quadrada, volumosa, construída sem levar em conta os movimentos naturais do derretimento e da neve acumulada. Ele sabia que era necessário o emprego regular de dominadores de água para remodelar e manter as paredes congeladas.

Desculpem, amigos, pensou Kavik. Pelo menos estou lhes dando mais trabalho.

Ele tirou sua parca, dobrou-a com cuidado e a colocou na sombra para mantê-la seca. Fortalecido pelo frio e pelo arrependimento, fez um gesto que lembrava o mergulho de um nadador, fundindo um túnel no canto do prédio. Kavik entrou.

Um caixão de gelo brilhava ao seu redor. Ele era um pássaro esquisito espremido dentro de uma estranha casca de ovo. E não podia se dar ao luxo de aumentar a câmara, ou então atravessaria a parede.

Agora vinha a parte difícil. Com pequenas dominações, ele transformou o gelo acima de sua cabeça em água e cuidadosamente, bem cuidadosamente, fez com que ela escorresse pela superfície à sua frente. Antes que o gotejamento encharcasse seus pés, ele se pressionou para cima usando as paredes à esquerda e à direita. Assim que suas pernas estavam elevadas, transformou a piscina abaixo de si em um chão sólido novamente.

Quinze centímetros. A complexa série de passos que lhe exigiram semanas de prática o elevou em cerca de quinze centímetros. Agora ele tinha que fazer isso repetidamente até chegar ao terceiro andar.

Um observador poderia se perguntar por que ele não preferia se molhar a fim de ir mais rápido. Um observador poderia fechar a boca e voltar ao centro do mundo, onde o clima era quente. Na situação em que estava, se Kavik permanecesse seco, ele teria cerca de trinta minutos antes de morrer por causa do frio. Mas se a água gelada caísse sobre ele, poderia ficar incapacitado em menos de cinco.

Ele foi subindo com cuidado pelo canto do prédio, fechando o túnel atrás de si. Um dominador de água melhor – Kalyaan, o Grande, por exemplo – teria fluído através do gelo sólido sem dificuldades. Mas Kavik, o Pequeno, teve que se esgueirar pelo caminho e precisaria cuidar das mãos congeladas quando terminasse.

As paredes da Mansão Azul eram intencionalmente opacas para manter a privacidade. Mas não eram um disfarce perfeito. Embora os cantos oferecessem um gelo mais espesso para se esconder, alguém que passasse por perto poderia notar a presença dele. Ele podia ouvir vozes reunidas no centro do andar térreo, algum tipo de grande reunião que Qiu dissera que serviria como distração.

Funcionou bem o suficiente. Ninguém foi em sua direção, e Kavik subiu pelo primeiro andar sem problemas. Ele fez uma pausa para respirar, agachando-se na espessa camada de gelo que compunha o primeiro teto e o chão do segundo andar, e afinou uma porção do gelo para espiar o próximo estágio.

Havia pessoas nos corredores externos dessa vez. Com a escuridão da noite atrás dele e a luz das lamparinas a óleo do lado de dentro, ele tinha uma ligeira vantagem em termos de visão. Podia ver cerca de quatro ou cinco borrões parados, imóveis e em silêncio. Eles estavam esperando na fila por alguma coisa?

De repente, uma dupla se separou, caminhando em sincronia pelo corredor, nenhum ultrapassando o outro. Kavik teria batido a cabeça contra sua pequena câmara se não temesse arrombá-la. Aqueles não eram hóspedes ociosos. Eram patrulhas.

Qiu, seu maldito macaco-porco. Kavik tinha sido informado de que o trabalho seria apenas uma retirada de um burocrata visitante e que não haveria segurança formal. Agora estava preso entre o céu e a

terra, congelando o cóccix, a centímetros de soldados de verdade e não de capangas pagos como os de Teiin.

Precisaria esperar até que eles fossem embora antes de voltar a se mover. E tinha que escolher uma direção. Continuar para cima e enfrentar o maior risco que já correria ou ir para baixo e perder a oportunidade na qual vinha trabalhando havia meses?

Kavik foi forçado a desperdiçar o escasso tempo que tinha ficando apenas sentado ali, observando as trocas de guarda, esperando por uma brecha para poder se mover. Seus dentes começaram a bater. Com força. *Quando a próxima dupla partir. Não essa dupla. A próxima.*

Assim que viraram as costas, ele retomou a subida. Pelo seu melhor palpíte, teria que se mover duas vezes mais rápido do que estava preparado para fazer.

Gotas frias escorriam por sua nuca. Suor já seria ruim o suficiente, mas era o escoamento do gelo acima dele. A água gelada o fazia querer gritar. Ele não tinha escolha senão suportar. Os guardas logo retornariam, e ele estava apenas a um terço do caminho.

Ele se apressou e ficou ainda mais molhado. Para piorar a situação, o brilho de uma lamparina contornou a curva, alguém que ele não havia considerado. Um servo buscando uma bebida ou um lanche.

A ideia de ser preso por um motivo tão estúpido era demais para suportar. Kavik subiu, jogando a cautela ao vento, exatamente como havia prometido a si mesmo que não faria. Quando a pessoa com a lamparina passou por baixo dele, Kavik estava enfiado no gelo entre o segundo e o terceiro andar, os joelhos pressionados contra o queixo, encharcado.

Ele poderia igualmente ter mergulhado de cabeça no buraco de respiração de uma foca-tartaruga. Não havia espaço suficiente para se secar usando a dominação de água. Em menos de um minuto, seus músculos parariam de se mover e então qualquer tipo de morte estaria livre para levá-lo. Congelamento, asfixia. O chão embaixo dele poderia ceder e ele cairia três andares.

Ele precisava se aquecer e se secar imediatamente, e o lugar mais próximo para fazer isso era o quarto que estava tentando invadir. Não havia escolha. Se os ocupantes ainda estivessem lá dentro, ele se colocaria à mercê deles, porque o frio não dava a mínima.

Em uma explosão de desespero, Kavik levantou as mãos e derreteu um pequeno portal. Ele se contorceu e caiu no terceiro andar como um peixe em terra firme, ofegante. A primeira coisa que fez foi tirar a água de si mesmo como se fosse uma nuvem de sanguessugas. Ele avisou uma grande lamparina a óleo do outro lado da sala e se empurrou até ela com os calcanhares, esperando poder chegar perto o suficiente antes de desmaiar. Kavik só queria obter calor. Àquela altura, não importava mais se fosse pego.

Mas, no primeiro momento de sorte que teve durante toda a noite, ninguém interrompeu seu rastejar pela sobrevivência. O quarto estava vazio. O destino permitiu que a lamparina gigante de pedra-sabão fizesse seu trabalho, e o sangue retornou lentamente às extremidades de Kavik. Assim que teve forças para levantar a cabeça, olhou em volta.

Estava na parte mais elegante da Mansão Azul, isso era óbvio. Ricos móveis de madeira produzidos com árvores continentais. Paredes isoladas com tapetes de lã estrangeira. Plantas decorativas que certamente morreriam ao serem tiradas do santuário desse andar. Mas não havia peles, por incrível que parecesse. Nem um único pedaço, quando couros e peles eram uma das mercadorias básicas de Bin-Er.

Uma mesa com uma placa gigante de obsidiana polida atraiu sua atenção. Continha uma pilha bagunçada de livros e pergaminhos, pilhas de correspondência. Havia sido para isso que Qiu o enviara. Informação. Mais valiosa que o ouro em Bin-Er, se viesse das pessoas certas, e a magnificência daquele quarto indicava que o ocupante era definitivamente o tipo certo de pessoa.

Kavik se levantou e cambaleou até a mesa, apoiando-se nela com a mão. Suas ordens eram para entrar na sala e memorizar qualquer coisa que parecesse importante, mas seu cérebro mal funcionava e havia muitos tesouros em potencial ali. O documento certo poderia valer cem vezes mais que seus vizinhos.

Era melhor começar com aqueles que estivessem sendo usados. Um grande pergaminho estava aberto, com as beiradas mantidas no lugar por livros. Algum tipo de plano de construção. Ele não conseguia ler as anotações, então removeu cuidadosamente os pesos, observando como estavam para poder recolocá-los depois, e segurou o papel contra a luz.

A porta se abriu. Kavik abaixou o pergaminho. Uma garota, de cerca de dezesseis ou dezessete anos, assim como ele, entrou de olhos fechados.

Ela usava várias camadas de vestes laranja e amarelas e uma toalha úmida pendurada nos ombros. Levou a mão ao rosto, e o movimento fez com que seus longos cabelos negros voassem para trás, soprados por um vento invisível. Havia um pequeno corte ao longo de sua testa, mais alto do que onde normalmente seria a linha do cabelo. A vermelhidão se destacava na larga seta azul tatuada em seu couro cabeludo.

Cortou-se ao se raspar, pensou Kavik. Uma Nômade do Ar. Por que uma Nômade do Ar estaria hospedada na Mansão Azul, se normalmente era reservada para...?

Ah, não.

Ah, não.

A garota abriu os olhos. Eles se arregalaram um pouco quando ela viu Kavik, mas não muito. Ela parou de secar o cabelo e olhou para o pergaminho nas mãos dele.

— Por favor, não leve isso — disse. — Ainda não terminei de estudá-lo.

Kavik engoliu em seco. Se conseguisse abrir a boca para falar, poderia rezar para a Lua e o Oceano para que isso não estivesse realmente acontecendo, para que estivesse imaginando tudo. Mas o único ser humano que poderia interceder em seu favor junto aos espíritos era a mesma pessoa que ele havia roubado. Ela poderia reprimir seus apelos, deixando-o como uma casca abandonada e infeliz.

Ele devolveu o pergaminho. Não podia fazer mais nada.

— Obrigada — disse a Avatar Yangchen enquanto pegava o papel dele. — Você talvez queira cobrir seus ouvidos agora. Me disseram que eu consigo gritar bem alto.